

## A DANÇA DAS LUZES ENTRE OS MINEIROS

Fábio LUCAS

No campo da poética, o setecentismo lusobrasileiro se caracteriza pelas restrições ao cultismo e ao conceptismo. Orienta-se mais para o racionalismo, menos para a imitação dos clássicos ou para o emprego da mitologia pagã. Sempre que possível, o engenho deveria ser controlado pelo juízo.

Uma das fontes mentais da era pombalina foi **Verdadeiro Método de Estudar** (1746) de Luís Antônio Verney. No âmbito dos preceitos literários, imperava a **Arte Poética** de Cândido Lusitano (Francisco José Freire), de filiação horaciana e aristotélica. Cândido Lusitano buscou fundamentos nos teóricos do renascimento italiano, no classicismo francês, nas idéias de Luzán e, principalmente, nas de Lodovico Antonio Muratori. A seu lado, consta **Elementos da Poética Tirados de Aristóteles, de Horácio e dos mais Célebres Modernos**, atribuídos a Pedro José da Fonseca e publicados anonimamente em 1765.

Como quer que seja, dois princípios se destacavam então: a racionalidade (ligada à clareza e à verossimilhança) e a sobriedade (indutora da naturalidade e do uso moderado das imagens e tropos), sem que, todavia, se percam de todo o maravilhoso e o patético.

Vânia Pinheiro Chaves, na tese "**O Uruguay**" e a **Fundação da Literatura Brasileira** (Lisboa, 1990, 2 vols.), realiza proveitosa investigação da crítica lusobrasileira do séc. XVIII, voltando a acentuar o pioneirismo da **Epístola** de Silva Alvarenga a Basílio da Gama no exercício do juízo literário entre nós.

A ensaísta vai mais além da simples análise de **O Uruguay** de acordo com os preceitos arcádicos. Desde a evocação da epigrafe do

poema, tirada da **Eneida**, procura encaminhar o leitor ao sentido ético e político da obra, cujo conteúdo aponta para a dinâmica da reposição da ordem justa, violada em certo ponto pelas forças do mal.

Estabelecido o agente do bem, representado pelo governo português, figurado em Gomes Freire de Andrada, o poeta lida com os índios como agentes enganados pelas forças do mal, os padres, que, oprimindo-os, fizeram-nos seus aliados.

Posto o triângulo colono-jesuíta-índio, sabe-se que aos jesuítas competia cristianizar e domesticar os índios. Mas, se recusavam a cedê-los, como força de trabalho, às empresas estatais do mercantilismo, retendo-os na qualidade de mão-de-obra gratuita, a serviço dos objetivos econômicos da Companhia de Jesus. Os desentendimentos entre colonos e jesuítas eram freqüentes, enquanto os infortúnios sobravam para os índios.

Ivan Teixeira, em nota explicativa da edição das **Obras Poéticas** de Basílio da Gama, conclui que a escolha de um bandeirante como herói de **O Uruguay** simboliza a opção de um verdadeira poeta iluminista, pois se trata de alguém dotado de energia civilizadora, adepto da expansão, do progresso e do Estado forte.

As forças do bem, portanto, operam no poema com dois objetivos: restabelecer o direito régio, violado por padres e índios, e libertar estes últimos da tirania daqueles. Na explicação de Ivan Teixeira, temos: "**O Uruguay** procede, enfim, a uma expressiva metonimização da estrutura política de nossa história colonial, sem deixar de referir ou retratar pormenores significativos da vida natural do Brasil e dos índios. Sobretudo, incorpora o encontro da cultura primitiva dos índios com a civilização européia, tanto através da ação jesuítica, aparentemente branda e favorável, quanto através da operação do colono, francamente depredadora. Mas, como quer que seja lido, é fundamental que, primeiro, se destaque sua vigorosa capacidade de reproduzir, pela mimese construtiva do texto, as formas de organização da vida política da América colonial."

Adiante, o mesmo autor atinge o ponto nevrálgico da questão: "A tradição crítica percebeu a brasilidade literária de **O Uruguay**, sem contudo atinar com a sua verdadeira essência, atribuindo como causa dela a presença da natureza e do índio na cenografia do poema. Mas tal

não pode ser uma verdadeira causa, porque é apenas um acidente sem importância estrutural. A genuína brasilidade do poema procede antes de sua visão da América como uma extensão do projeto mercantilista europeu. Segue daí que o poeta, diferentemente de quantos escreveram no período colonial, não podia enxergar apenas Brasil onde havia principalmente Europa, assim como não quis enxergar apenas natureza onde havia também cultura."

Observe-se, no poema de Basílio da Gama, a delicada situação do índio, entre a blandícia do jesuíta, que lhe impõe severa escravidão, e o poder do bandeirante, que o massacra.

Na fala de Gomes Freire de Andrada aos índios diz o poeta:

"Em sei que não sois vós, são os bons Padres  
Que vos dizem a todos que sois livres,  
E se servem de vós, como de escravos."

Enfim, trata o poema da história sanguinária do encontro da cultura européia com a natureza americana. No dizer do poeta, na abertura de **O Uruguay**:

"Musa honremos os Herói, que o povo rude  
Subjugou do Uruguay, e no seu sangue  
Dos decretos reais lavou a afronta.  
Ai tanto custas, ambição de império."

Alguns estudiosos surpreendem nos decassílabos emparelhados do **Vila Rica** de Cláudio Manuel da Costa certa analogia com os alexandrinos de **La Henriade** de Voltaire. A mesma familiaridade com o texto do enciclopedista tem sido notada na inserção de trechos em prosa no poema, uma espécie de justificativa documental e histórica do canto épico. Seria a busca da verossimilhança, uma das virtudes do estilo arcádico. Tanto as notas explicativas, quanto o "Fundamento histórico" do **Vila Rica** testemunham o preito do poeta em favor da verdade. Na era da Ilustração, a tendência era a de converter a História em Ciência.

Outra inspiração retirada de Voltaire, de cunho iluminista, encontra-se no espírito da obra, em que a autoridade régia repõe, em seu lugar, a ordem quebrada, dando legitimidade ao Estado.

Além disso, verifica-se no poeta mineiro a personificação de entidades da alma, como a Hipocrisia, o Interesse, a Rebeldia e o Engano. Tudo isso na linha de Voltaire, personificador das paixões, que criticou Lucano por "redigir um jornal em forma de verso em vez de um poema épico", conforme diz em **La Henriade**.

Com delicada percepção crítica, Vânia Pinheiro Chaves assinala as qualidades que simultaneamente ornamentam os heróis de **O Uruguay** e do **Vila Rica**, Gomes Freire de Andrada e Antônio Albuquerque, respectivamente: "moderação, paciência, compaixão e, sobretudo, preferência pelos meios pacíficos." (op. cit., vol. 1, p. 144). E a fina analista ressalta os versos dedicados a Albuquerque, nos quais o herói decide

"que antes que os meios da aspereza  
Se tente todo o esforço da brandura." (VII, 224.5)

Em contrapartida, Gomes Freire de Andrada, em **O Uruguay**, contrariando Menezes, certo da necessidade de sujeitar os índios pela força das armas, exige

"Tentem-se os meios  
de brandura e de amor." (II, 26.7)

Na conclusão de Hélio Lopes, "o **Vila Rica** é o poema do triunfo da Ordem sobre o Tumulto das ambições, da Razão do Estado sobre o Direito Individual." [**Introdução ao Poema Vila Rica**, Muriaé, 1985, pp. 184/5). O herói do poema é contemplado como um pacifista obediente à autoridade real.

O verbete "Filósofo" da Grande Enciclopédia estipula ser a razão para o filósofo o que havia sido a graça para o cristão. Para o pensamento laico da época, a Igreja funcionou como a mais poderosa força corruptora da luz e da razão, abrigando a superstição, a ignorância, o medo e a pobreza. A Igreja insistia em colocar a fé e a revelação acima dos poderes racionais do homem.

Os filósofos, especialmente Rousseau, desenvolveram a crença na capacidade transformadora da educação. A ciência experimental inicia os seus primeiros passos, influenciando também as Humanidades. O pedagogo suíço Johan Heinrich Pestalozzi e o médico francês Philippe Pinel admitem o tratamento da loucura e das doenças

mentais através de soluções empíricas e humanitárias, desgarrando-se das noções teológicas e do uso de métodos violentos. No campo da educação, o Marquês de Pombal impôs a reforma da Universidade em 1774, aconselhado por Verney.

Também o culto da natureza arma os poetas e pensadores de nova atitude diante do sobrenatural ou do antinatural, ou seja, dos artificios acumulados pela rotina das crenças e dos costumes.

Os poetas souberam recuperar da filosofia grega os estímulos para a clareza e a simplicidade. Os árcades reintroduziram na lírica o ideal da fuga do ambiente urbano e do reencontro com a paz dos campos. As líras de Gongaza a Marília estão carregadas daquelas aspirações pastoris:

"É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte e prado;  
Porém, gentil pastora, o teu agrado  
Vale mais que um rebanho e mais que um trono.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha estrela." (lira "Eu, Marília...")

Na linha da exaltação do bom selvagem, do homem natural, cumpre assinalar a importância do índio canadense, valorizado por La Hontan. Quais os atributos que lhes são festejados? Insubordinação política, ausência de coerção religiosa e ignorância da propriedade privada.

O Estado natural se opõe ao Estado policiado. Daí o sentido da apologia do primitivo. É que este seria portador da liberdade individual. Que liberdade? Como realizá-la? d'Holbach tinha uma resposta: "Ser livre é não encontrar nenhum obstáculo à nossa tendência à felicidade."

Como se sabe, não se tratava de um conceito estimável pelos monarcas, ainda que ilustrados. A propósito, na sua irônica e até, às vezes, ferina biografia do Marquês de Pombal, Agustina Bessa-Luís assevera: "Numa coisa Sebastião José se conservava fiel ao século de Luís XIV: para ele, a noção de liberdade estava ligada à noção de privilégio. Restava decidir quem ia ser autorizado nos privilégios para usufruir da liberdade." (Sebastião José, Lisboa, Imprensa Nacional, 1981, p.108).

É preciso ressaltar, no caso dos mineiros, que eles se desenvolveram numa Colônia, ainda que com fortes ligações físicas e intelectuais com a Metrópole. Vivendo sob o império de um monarca absoluto, devemos levar em conta as injunções de cada um e as cautelas e hesitações a que se viam submetidos. Tinham que sobreviver sob o assédio das caprichosas leis da Corte e das censuras da Igreja e do Estado. Eram presas dos temores e das ambições pessoais, sempre que se punham perante os braços do poder.

Montesquieu, em *O Espírito das Leis* (1748) observa que a república teria como princípio a "virtude", enquanto a monarquia se apoiava na "honra".

Em alguns poemas gratulatórios dos mineiros é comum encontrarmos o elogio das "virtudes" dos governantes, incluindo-se ali a bondade, o bom desempenho e a justiça. Os qualificativos da ideologia monarquista, como a tradição e o peso da herança, do sangue e da linhagem, exaltados algumas vezes, são menos eloqüentes do que a apologia das virtudes.

Cláudio Manuel da Costa, por exemplo, ao dedicar o poema "Fala" a D. Antônio de Noronha, governador e capitão geral de Minas Gerais, pela conquista do Caieté, exprime a admiração "menos a sangue, que a virtude herdada", como se vê desta estrofe:

"Lalipe o diga, e o Marechal insigne  
 Que ensangüentou do Guadiana as águas,  
 Se Grécia, ou Roma nos seus Fastos contem  
 Heróis mais dignos do que Antônio, e Pedro,  
 Do que o grande Rodrigo? tu lhe debes  
 Menos a sangue, que a virtude herdade."

Na seqüência do poema, eis que o elogio da paz e da vida se faz em desfavor da violência e da guerra:

"Deram estes varões sempre gloriosos  
 Nas empresas, ações, valor, facúndia  
 Ao Rei, ao Reino, a Pátria, ao mundo inteiro.  
 Mas quanto aos teus maiores te vantagens  
 Tu, de cujos Exércitos na frente  
 Não marcha o susto, e o terror, em cujas

Reais bandeiras de adorar não cesse  
A Paz por armas, por empresa a vida."

O ambiente da circulação dos livros e das idéias entre nós era rarefeito. Sofria o peso da censura da Igreja, com o seu renovado **Index librorum prohibitorum**, e do Estado, super-vigilante na interdição de leituras inconvenientes. As Ordenações Filipinas (1603) já haviam proscrito a impressão de qualquer material que não fosse examinado previamente pelos desembargadores do Paço e, depois, vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição.

Por iniciativa do Marquês de Pombal, nisto seguindo orientação de Verney, verificou-se a unificação da censura num mesmo órgão, a Real Mesa Censória, composta de eclesiásticos (entre eles o inquisidor) e de funcionários leigos. Pombal substituiu a censura tríplice - do Ordinário, da Inquisição e a Régia, todas estabelecidas no séc. XVI e que acabaram nas mãos dos jesuítas, pela Mesa Real Censória, em 1768.

Curioso é que o carioca Feliciano Joaquim de Sousa Nunes teve o seu livro **Discursos político-morais** (1758), dedicado a Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, destruído mal saíra do prelo, a mando do próprio homenageado. Segundo registra Emanuel Araújo, "O livro, dividido em sete discursos, chamou atenção por algumas questões ali desenvolvidas, típicas do Iluminismo: no primeiro discurso ataca a riqueza excessiva; no segundo contesta a superioridade inata da nobreza de sangue; no terceiro discorre sobre o casamento; no quarto e no sexto ressalta a injustiça do direito de primogenitura; no quinto defende a igualdade intelectual das mulheres em relação aos homens; e no sétimo trata da amizade (**"O Teatro dos Vícios - Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**, Rio, J. Olympio, 1993, p. 325).

Aos autos de devassa da Inconfidência Mineira são ricos em informação acerca de obras iluministas a ocupar as bibliotecas dos intelectuais implicados na conjuração. Tornou-se clássica a obra de Eduardo Frieiro, **O Diabo na Livraria do Cônego**, em que o mestre mineiro realizou acurado estudo dos títulos que compunham a coleção de livros seqüestrados a Luís Vieira da Silva. Filósofos, literatos e cientistas suspeitos abarrotavam as estantes do inconfidente. Os letrados

da época liam Voltaire, Rousseau, Raynal, Mably, Montesquieu. O fluxo das idéias revolucionárias, que fizeram do séc. XVIII o grande eixo da mudança do pensamento político da humanidade, teve o seguinte curso: da Inglaterra para a França e desta para as áreas periféricas, inclusive a América. Na Inglaterra, nos séculos XVII e XVIII debateu-se o caráter do poder temporal e generalizou-se o sistema representativo. Voltaire denominou a Inglaterra "île de la raizon", pois tendo-se exilado naquele país, ficou pasmo com o pluralismo religioso, contrastante com a situação francesa.

Também Emanuel Araújo compendia livros subversivos encontrados entre os inconfindentes de Minas e do Rio de Janeiro (1794), num dos subtítulos da obra **O Teatro dos Vícios**, "O Estado amordaçante" (op. cit., pp. 317-329). Na devassa do Rio, em poder do bacharel Mariano José Pereira da Fonseca (posteriormente Marquês de Maricá), estavam obras de Raynal, Rousseau e Mably. Enquanto isso, o fundador da Sociedade Literária, poeta Silva Alvarenga, se instrua com Voltaire, Diderot, Ninon de Lanclos, Marmontel e Beccaria.

Nada mais eloqüente do que a profissão de fé de Tomás Antônio Gonzaga, expressa na lira "Alexandre, Marília", em que o poder das armas e do império cede lugar aos laços do amor:

"Alexandre, Marília, qual o rio,  
 Que engrossando no inverno tudo arrasa,  
 Na frente das cortes  
 Cerca, vence, abrasa  
 As cidades mais fortes,  
 Foi na glória das armas o primeiro;  
 Morreu na flor dos anos e já tinha  
 Vencido o mundo inteiro.

"Mas este bom soldado, cujo nome  
 Não há poder algum que não abata,  
 Foi, Marília, somente  
 Um ditoso pirata,  
 Um salteador valente.  
 Se não tem uma fama baixa e escura,  
 Foi por se pôr ao lado da injustiça  
 A insolente ventura.

"O grande César, cujo nome voa,  
A sua mesma Pátria a fé quebranta;  
Na mão a espada toma,  
Oprime-lhe a garganta,  
Dá senhores a Roma.  
Consegue ser herói por um delito;  
Se acaso não vencesse, então seria  
Um vil traidor proscrito.

"O ser herói, Marília, não consiste  
Em queimar os impérios: move a guerra  
Espalha o sangue humano,  
E despoeva a terra  
Também o mau tirano.  
Consiste o ser herói em viver justo:  
E tanto pode ser herói o pobre,  
Como o maior Augusto.

"Eu é que sou herói, Marília bela,  
Seguindo da virtude a honrosa estrada:  
Ganhei, ganhei um trono,  
Ah: não manchei a espada,  
Não o roubei ao dono:  
Ergui-o no teu peito e nos teus braços;  
E valem muito mais que o mundo inteiro  
Uns tão ditosos laços.

"Aos bárbaros, injustos vencedores  
Atormentam remorsos e cuidados;  
Nem descansam seguros  
Nos palácios cercados  
De tropa e de altos muros.  
E a quantos nos não mostra a sábia História,  
A quem mudou o fado em negro opróbrio  
A mal ganhada glória!

"Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo  
 Nos braços do descanso e mais do gosto:  
 Quando estou acordado,  
 Contemplo no teu rosto,  
 De graça adornado;  
 Se durmo, logo sonho e ali te vejo.  
 Ah: nem desperto nem dormindo sobe  
 A mais o meu desejo!"

Até mesmo Santa Rita Durão, de nítida simpatia à causa jesuítica, pode ser apontado como iluminista. É o que encontramos em Sérgio Buarque de Holanda, quando, na obra póstuma **Capítulos de Literatura Colonial**, aborda este delicado problema: "Nada sugere, certamente, que Durão, admirador e defensor da Companhia de Jesus, fosse um adepto de idéias avançadas e perigosas às instituições dominantes. Todavia, não parece indiferente notar, no seu caso, que, se o pombalista do primeiro momento poderia ter sido animado de um sincero entusiasmo pelas inovações do ministro de D. José - não apenas de uma ambição pessoal, desmedida e interesseira -, a afeição atual pelos jesuitas também se teria inspirado, por sua vez, e sobretudo, na aversão ao arbítrio tirânico. E talvez não seja excessivo presumir certo apreço pelos "filósofos" do iluminismo ou - como já se dizia ao seu tempo - pelas "idéias francesas", em quem, tratando da suposta viagem de Diogo Alvares Correia à França, onde se casaria com a índia Paraguaçu, tendo por madrinha a rainha Catarina de Médicis, em certo passo:

"Tome o Brasil a França por madrinha." (op. cit., pp. 93-94).

Dois aspectos finais para encerrar este estudo: o primeiro é que Portugal não teve uma revolução industrial. Isto significa a ausência de suportes materiais para uma nova concepção de vida e mais ampla absorção dos ideais iluministas, principalmente naquilo que apontasse para o sistema republicano, direcionado para o tema da igualdade. A república idealizada entre os inconfidentes diferia em grau da concepção grega, ambas baseadas na escravidão. A diferença está em que, entre os mineiros, já se punha a questão da escravatura. Assim sendo, o tema da liberdade poderia correr parrelha com o da igualdade.

O atraso de Portugal, seu suporte contra-reformista, a ausência de uma burguesia dinâmica, atrasaram o êxito da idéia de progresso. O poder da Igreja veio a ser obstáculo ao despotismo esclarecido, que conduziria à modernização conservadora. A sobrevivência da Inquisição rotula ainda o período. As áreas de modernização de Portugal se deveram aos estrangeirados, incluindo aí os judeus e cristãos-novos. Aliás, em 1773, o Marquês de Pombal havia abolido a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, por iniciativa de Verney.

Por último, gostaria de referir o cunho ideológico de certos estudos relacionados com o período, ora executados em Portugal, ora concluídos no Brasil. Para mera ilustração, lembremos a biografia feita por Agustina Bessa-Luís, **Sebastião José**. Não há negar o valor literário e o poder documental do estudo biográfico. Em todas as páginas se percebe a fina ironia ou a penetração analítica da autora. Mas causa espanto a completa ausência de nomes como os poetas mineiros, a começar por Basílio da Gama, nomeado oficial da Secretaria de Estado do Reino em 25 de junho de 1774 pelo Marquês de Pombal. Não há menção a Cláudio Manuel da Costa, a Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e Francisco de Melo Franco, todos fora do repertório da biógrafa do Marquês. Ficou como se nunca tivessem existido.

Para a execução deste trabalho, além das obras dos poetas mineiros, foram consultadas os seguintes trabalhos:

AMORA, Antônio Soares, **Classicismo e Romantismo no Brasil**, S. Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1966

ARAÚJO, Emanuel, **O Teatro dos Vícios, Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**, Rio, J. Olympio, 1993

BESSA-LUÍS, Agustina, **Sebastião Jose**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1993

CÂNDIDO, Antonio, **Formação da Literatura Brasileira**, (momentos decisivos), S. Paulo, Liv. Martins, 1964, 2 vols., 2ª ed. **Vários Escritos**, S. Paulo, Liv. Duas Cidades, 1970

CHAVES, Vânia Pinheiro, **"O Uruguay" e a Fundação da Literatura Brasileira**, Um caso de dialogo textual, Lisboa, 1990, 2 vols., dissertação para a Universidade de Lisboa

CLASTRES, Hélène, "Primitivismo e Ciência do Homem no Século XVIII", em **Discurso**, nº 13, S. Paulo, Polis, 1983

FRIEIRO, Eduardo, **O Diabo na Livraria do Cônego**, Belo Horizonte, Itatiaia, 1957

- HOLANDA, Sérgio Buarque de, **Capítulos de Literatura Colonial**, S. Paulo, Brasiliense, 1991
- LOPES, Hélio, **Introdução ao Poema Vila Rica**, Muriaé, 1985
- MARTINS, Heitor, **Neoclassicismo; uma visão temática**, Brasília, Academia Brasiliense de Letras, 1982
- MAUROIS, André, **Voltaire**, Paris, Gallimard, 1935
- PAIM, Antônio, **História das Idéias Filosóficas no Brasil**, Ed. da Universidade de S. Paulo, 1974, 2ª ed.
- PLÉKHANOV, John, **Ensaio sobre o Desenvolvimento da Concepção Monista da História**, Lisboa, Editorial Estampa, 1976, trad. de Maria da Luz Veloso
- SARAIVA, Arnaldo, "A Revolução Francesa e a Literatura Brasileira", em **Intercâmbio**, nº 3, Porto, Fac. de Letras, 1992
- SCARANO, Julita, **Cotidiano e Solidariedade**, Vida diária da gente de cor nas Minas Gerais, século XVIII, S. Paulo, Brasiliense, 1994
- SEMINÁRIO TIRADENTES, HOJE, Imaginário e Política na República Brasileira, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1994
- TEIXEIRA, Ivan, "Nova Explicativa" às **Obras Poéticas** de Basílio da Gama, S. Paulo, Edusp, 1994.
- VIEIRA, Pe. Antônio, **Escritos Instrumentais sobre os Índios**, S. Paulo, Ed. Comemorativa, 500 anos da América, 1992.